

A REINVENÇÃO DA RODA: RODA DE CONVERSA, UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO POSSÍVEL

THE REINVENTION OF ROTATES: CONVERSATION ROTATES, A METHODOLOGY POSSIBLE INSTRUMENT

Adriana Borges Ferro Moura¹
Maria da Glória Soares Barbosa Lima²

Resumo

O presente estudo pretende discutir a Roda de Conversa como uma possibilidade de instrumento de coleta de dados na pesquisa Narrativa, considerando que este tipo de abordagem investigativa busca compreender o sentido que o grupo social oferece ao fenômeno estudado. A conversa é um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo, muda caminhos, forja opiniões, razão por que a Roda de Conversa surge como uma forma de reviver o prazer da troca e de produzir dados ricos em conteúdo e significado para a pesquisa na área de educação. No contexto da Roda de Conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, sejam para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nesta acepção, remete à compreensão de mais profundidade, de mais reflexão, assim como de ponderação, no sentido de melhor percepção, de franco compartilhamento. Assim, o presente trabalho discute a Roda de Conversa, sua proposta, a forma de realização e de análise dos dados. Tem como apoio teórico autores como Warschauer (2001; 2002; 2004), Freire e Shor (1987), Campos (2000), entre outros. Desta forma, a pesquisa conclui que a Roda de conversa, sendo um instrumento de coleta de dados que tem como matéria-prima a memória despertada pela a conversa com os pares, favorece os achados científicos.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa. Rodas de Conversa. Instrumento de Coleta de dados.

Abstract

This study aims to discuss the conversation rotates as a possibility for information instrument of collection in Narrative research, considering that this type of investigative approach seeks to understand the meaning that social group offers the studied phenomenon. The conversation is an area of training, exchange of experiences, fellowship, to express themselves, change ways, forge opinions, why the conversation rotates appears as a way to relive the pleasure of exchange and produce rich information content and meaning for research in education. In the context of the conversation rotates, the dialogue is a unique moment of sharing, since it presupposes a listening exercise and speech. The placement of each participant is built from the interaction with the other, are to complement, disagree, whether to agree to speech immediately preceding. Talking in this sense refers to the understanding of deeper, more

¹ Doutoranda em Educação PPGEd – Universidade Federal do Piauí. E-mail para contato: profadrianaferro@gmail.com

² Professora Permanente do PPGEd - Universidade Federal do Piauí. E-mail para contato: gllorisoares@yahoo.com.br

reflection, as well as weight, to better perception, blunt share. The present paper discusses the conversation rotates, its proposal, the embodiment and data analysis. Its theoretical support authors as Warschauer (2001; 2002; 2004), Freire and Shor (1987), Campos (2000), among others. Thus, the research concludes that the conversation rotates, and an information collection instrument whose raw material memory awakened by the conversation with peers, promotes scientific findings.

Key-words: Search Narrative. Conversation Rotates. Information Collection Instrument.

PARA COMEÇO DE CONVERSA

Cadeiras de espaguete dispostas em círculo, ou em meia lua, no terreiro de uma casa de alpendre alto, as pessoas mais velhas sentadas nas cadeiras e os mais novos no chão, a ouvir os "causos" contados, vividos e revividos. Era assim que as histórias iam sendo passadas de geração em geração, era assim que os vizinhos se conheciam e criavam laços que duravam anos, era assim que os mais novos forjavam sua cultura, sua identidade, era assim...

O tempo acabou levando com ele este hábito da conversa fácil e, na era digital, as palavras ouvidas estão dando lugar às palavras lidas em dispositivos móveis, em relações virtuais, mas a saudade da conversa audível permanece...

A conversa, na pesquisa que desenvolvemos, é um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo. A conversa muda caminhos, forja opiniões, razão por que no processo de escolha dos instrumentos de coleta de dados da nossa pesquisa de doutoramento, a Roda de Conversa surgiu como uma possibilidade de reviver o prazer da troca e de produzir dados ricos em conteúdo e significado. Este texto, objetiva, entre outras finalidades, contar como tudo aconteceu, puxe uma cadeira, vamos conversar.

PODEMOS CONVERSAR E PESQUISAR?

A Roda de Conversa é, dentro da pesquisa narrativa, uma forma de coleta de dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, mediante diálogos internos, e, ainda, no silêncio observador e reflexivo.

A escolha da Roda de Conversa, como instrumento de trabalho, não se deu sem antes nos depararmos com a necessidade de propiciar à nossa pesquisa um caráter de cientificidade, o que implica caracterizá-la de natureza qualitativa e determinar sua posição enquanto abordagem legítima da busca do conhecimento científico. Esta escolha foi realizada quando nos propomos a compreender o nosso objeto de estudo, posto que esse tipo de pesquisa, a pesquisa qualitativa, “[...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a problema social ou humano.” (CRESWELL, 2010, p. 26).

A pesquisa qualitativa permite um tipo de discussão teórica e metodológica que é própria das ciências humanas, uma vez que seu campo de atuação, segundo Martins (1989), não é pré-delineado. Abrangendo além da vertente educacional e os demais alcances do conhecimento da vida humana, aspectos como linguagem e relações sociais. Implica dizer que a denominação qualitativa define-se por adentrar no mundo dos significados das ações e das relações humanas, que não são passíveis de formatação em números e equações, mas que se revestem em critérios de observação e análise que permitem desvendar os seus sentidos e suas significações.

Nesta perspectiva, é que escolhemos a vertente narrativa como método de trabalho para desenvolver a nossa pesquisa. A narrativa representa um recurso que permite a reintrodução “da seta do tempo” (COUTO, 2009, p. 131), apontando espaços e demarcando acontecimentos, em que as personagens definem lugares e suas ações, porque é assim, que a história se faz e se conta.

Assim considerado, a dimensão temporal, diferente de guardar sua linearidade, como é habitual, nas considerações que envolvem tempo decorrido, não se mostra unilinear, antes se converte e se presentifica no passado que emerge da realidade (na concepção, no símbolo, inclusive, no próprio tempo), aspectos que potencializam a contribuição narrativa:

Precisamos de narrativas que contribuam para a compreensão ampliada do que é e do que pode ser a realidade social na qual estamos vivendo, escamoteada e tornada invisível a ‘olho nu’ pelas normas e regulamentos da cientificidade moderna, da hierarquia que esta estabelece entre teoria e prática e dos textos produzidos segundo tais ditames (OLIVEIRA; GERALDI, 2010, p. 23).

Trabalhar com narrativas evidencia-se como um estudo em que o pesquisador busca ter um olhar treinado para a compreensão das categorias que emergem do discurso dos sujeitos, no nosso caso, professores, que são ouvidos ao longo do trabalho. Pela percepção crítica, contextualizada e identificada das diversas nuances que o discurso apresenta, tais como o que

a fala esconde e o que ela revela, se atende ou não a expectativa do pesquisador. (GHEDIN; FRANCO, 2008).

O sujeito é sempre um narrador em potencial. O fato é que ele não narra sozinho, reproduz vozes, discursos e memórias de outras pessoas, que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva, é essencial para o pesquisador, no contexto da coleta de dados, compreender que as memórias culturais e individuais estão intimamente ligadas. E como referem Santamarina e Marinas (1995, p. 273):

Recolher os relatos ou as histórias de vida não é recolher objetos ou condutas diferentes, mas, sim, participar da elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador. Por isto a História de Vida não é só uma transmissão, mas uma construção da qual participa o próprio investigador.

Abrahão (2004), em seus escritos sobre narrativas, as descreve como elementos que trazem consigo um forte e acentuado tom pessoal, articulado, pelo exercício da memória, de verificação de trajetórias, pela tessitura memorialística, permitindo articular presente, passado e futuro. Revelando, pois, não exatamente “[...] uma vida como de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu”, como diz Benjamin (1996, p. 37), comparando narrativa a uma forma artesanal e secular de comunicação.

A partir destas reflexões, chegou o momento de escolha dos instrumentos de pesquisa, e emergiu a possibilidade de encontrar a narrativa do sujeito dentro do contexto da conversa suave, e então, compreendemos que a Roda de Conversa é um instrumento de coleta de dados que pode produzir relatos recheados de dados, contemplando assim a necessidade de nossa pesquisa. E começamos a conversar e a pesquisar, evidenciando aspectos representativos da Roda de Conversa na condição de instrumento de produção de dados narrativos.

MAS O QUE É MESMO RODA DE CONVERSA?

Quando falamos de Roda de Conversa, a imagem inicial que nos assalta é das conversas informais, conversas familiares, conversas que estão se perdendo no tempo, a exemplo dos diálogos nascidos ao redor da mesa de jantar, ou mesmo da mesa da cozinha, enquanto a avó fazia bolo frito para comermos com um café quentinho, espaço de atualização

do que tinha ocorrido na família, na comunidade, espaço de partilha de alegrias e tristezas, momento de abertura de alma e de corações.

É assim também as Rodas de Conversa, quando utilizada como instrumento de pesquisa, uma conversa em um ambiente propício para o diálogo, em que todos possam se sentir à vontade para partilhar e para escutar, de modo que o falado, o conversado seja relevante para o grupo, suscitando, inclusive a atenção na escuta. No contexto da Roda de Conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e fala. E na percepção de que uma roda de conversa agrega vários interlocutores, os momentos de escuta são mais numerosos que os momentos de fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, sejam para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nesta acepção, remete à compreensão de mais profundidade, de mais reflexão, assim como de ponderação, no sentido de melhor compreensão de franco compartilhamento, como assim partilha Warschauer (2001, p. 179):

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc.

Assim, compreendemos que as rodas de conversa permitem a ressonância coletiva, a construção e reconstrução de conceitos e argumentos pela escuta e pelo diálogo com os pares e consigo mesmo. E, ao pensar a forma de adotar e conduzir este instrumento, temos que considerar que o diálogo construído representa o pensar e o falar de “[...] indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica”. (WARSCHAUER, 2002, p. 46).

As Rodas de Conversas consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e si mesmos pelo exercício reflexivo.

Objetiva, entre outras finalidades, socializar saberes, implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construção e reconstrução de novos conhecimentos sobre a temática proposta. A conversa saiu dos alpendres e chegou à escola como estratégia de ensino, e como caminho natural alcançou as pesquisas educacionais. Assim, A Roda de Conversa não é algo novo, a

ousadia é empregá-la como meio de coleta de dados para a pesquisa qualitativa. Neste sentido Warschauer (2004, p. 2) explica que os "[...] trabalhos comunitários e iniciativas coletivas, das mais diversas naturezas, se desenvolvem de maneira semelhante há muito tempo."

A Roda de Conversa como proposta e desenvolvida, em nossa pesquisa decorre de adaptação da proposta de Warschauer (2001, 2002) quando de sua tese de doutoramento, em que propôs uma formação pela experiência através das rodas de educadores, e a através da reflexão, buscou romper com ciclo da reprodução da concepção da escola e de ensino que os professores possuíam. Falamos em adaptação porque nos inspiramos em seus estudos sobre rodas de professores (WARSCHAUER, 2002) e avançamos no sentido de propor o diálogo nascido das interações entre os professores como um instrumento de coleta de dados da pesquisa narrativa, em uma caminhada coletiva, em que uns pudessem apreender e refletir com os outros, em um processo de diálogo nascido de histórias de vidas diferentes, propiciando a autoformação com autonomia e autoria.

Ousamos ao definir e empregar a Roda de Conversa como um instrumento de produção de dados na pesquisa narrativa, estabelecendo um núcleo temático para cada edição das rodas, que congregaram três seções, que passaremos a descrever a seguir.

O NOSSO CAFÉ COM PROSA

Nossos estudos versam sobre Docência Superior e o Conhecimento da Experiência, objetivando saber como os professores bacharéis, os sujeitos de pesquisa, utilizavam os saberes experienciais para realizar a atividade docente, uma vez que na maioria dos casos, estes professores não tem formação inicial direcionada à docência. Além das Rodas de Conversas, outro instrumento utilizado para propiciar os achados da pesquisa foi a entrevista narrativa, no sentido de integração dos dados obtidos. Dito isto, passamos a descrever como foi a realizada a coleta de dados especificamente nas Rodas de Conversas.

As Rodas de Conversa do nosso estudo ocorreram em três oportunidades. Cada uma delas foi guiada por uma questão tema que tinha como propósito suscitar o início do diálogo e a troca de ideias. A partir desse questionamento inicial os sujeitos foram convidados a conversar, relatar e trocar experiências. E no desenvolvimento dos diálogos confirmou-se, como Warschauer (2002, p. 47), que a roda de conversa "[...] é uma construção própria de cada grupo. [...] Constitui-se em um momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador [...]."

Trata-se de uma técnica que remete às lições de Freire e Shor quando explicam:

O diálogo não é uma situação na qual podemos fazer tudo o que queremos. Isto é, ele tem limites e contradições que condicionam o que podemos fazer... Para alcançar os objetivos de transformação, o diálogo implica em responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos. (FREIRE; SHOR, 1987, p. 127).

Assim, para atingirmos as metas propostas na pesquisa, planejamos as Rodas de Conversas a partir de eixos temáticos. E, como foram três rodas de conversas, três eixos temáticos foram apresentados aos sujeitos por intermédio de questões temas. Estes temas foram propostos na perspectiva, já mencionada, que o diálogo pertence ao grupo, e não ao pesquisador, e por este motivo, que a escolha do eixo temático do diálogo em cada roda não deve impedir que a conversa flua naturalmente, de modo que as escolhas se mostram essenciais para garantir a discussão do problema da pesquisa, elas não podem ser impeditivas do diálogo. (CAMPOS, 2000).

As nossas Rodas de Conversa foram direcionadas pelas seguintes questões temas: Primeira Roda de Conversa - “Como deve ser o professor do ensino superior?”, e o objetivo deste primeiro questionamento foi perceber quais as visões que os sujeitos da pesquisa tinham dos requisitos necessários para aqueles que querem exercer a docência superior. A segunda Roda de Conversa teve como questão tema: "Como soluciono as demandas da minha sala de aula considerando que a atividade docente, mesmo sendo imprescindível de planejamento, é evitada de ineditismo e improvisação?. Os professores receberam um e-mail em que lembrávamos que para o exercício da docência não há fórmulas mágicas, com garantia de êxito sempre, mas que o ensaio, com a possibilidade sempre presente do erro, ainda é o melhor meio de testar as técnicas em sala de aula, na busca de facilitar a aprendizagem de nossos alunos. Assim, pedimos que, antes da nossa conversa, tentassem lembrar de acontecimentos de situações inusitadas e/ou surpreendentes que aconteceram durante o exercício da docência, e ainda que tentassem recuperar na memória como solucionaram o problema surgido e se voltaram a fazer uso da solução em outras oportunidades. A questão tema da terceira Roda de Conversa foi: Quais as contribuições que recebemos para nossa atuação em sala de aula? Como a prática nos ajuda no atuar da docência. Também mandamos antecipadamente um e-mail com o questionamento e a provocação para que lembrassem o que, no dia a dia da atividade docente, propiciava aprendizados que eram incorporados no fazer da sala de aula.

Muita coisa aconteceu antes e durante cada Roda de conversa. O primeiro encontro para nossa conversa foi antecedido de um convite para um Café com Prosa, e os sujeitos da pesquisa foram convidados por meio de e-mail para um "bate-papo" acompanhado de cafezinho. A partir do convite nos dedicamos à preparação do que denominamos de Ambiente de Roda, os sujeitos precisavam se sentir a vontade para conversar, uma vez que não é normal o diálogo surgir entre desconhecidos.

O Ambiente de Roda começou a ser criado com o cenário da conversa. Preparamos uma mesa grande, com uma toalha branca simples, destas que usamos em nossas mesas de jantar, colocamos as cadeiras dispostas a fim de que todos se acomodassem e pudessem ver-se mutuamente. Colocamos sucos, café e petisco a vontade. Os interlocutores foram se acomodando, cumprimentando os que chegavam, sorrisos e pequenos diálogos esperavam os que estavam por chegar e ajudavam a criar um clima ameno e descontraído. Todos os nossos interlocutores, de uma maneira ou de outra, se conheciam, mesmo pertencendo a áreas bastante diferentes, por trabalhar na mesma instituição de ensino superior e por esta promover reuniões semestrais entre todos os professores.

Neste primeiro encontro foi realizada uma dinâmica de apresentação e a explicação da pesquisa e da sua metodologia, inclusive da Roda de Conversa. E, uma vez que a conversação fluiu melhor quando os sujeitos se conhecem e percebem pontos em comum que propicia a empatia, buscamos construir vínculos de confiança necessários para o diálogo. Para tanto, os professores começaram falando, um por vez, seu nome, o tempo de docência e a área que lecionava. Isto ajudava na criação do Ambiente de Roda.

Ambiente de Roda é, como denominamos, o cenário que propicia o diálogo, pessoas que não se conhecem tendem a ficar tímidas em desvelar aspectos do vivido, mas a resposta à primeira provocação suscitou alguns momentos descontraídos, com falas que evocavam tempos lembrados e quebravam a sisudez da apresentação formal, em forma de perguntas e respostas.

Obtivemos a autorização para gravar a nossa conversa. Então o aparelho gravador foi colocado no centro da mesa, e ligado. Pronto, a partir de então a conversa começou a se desenvolver. Inicialmente tímidos, como era de se esperar, os sujeitos esperavam sua vez de falar, e algumas vezes até levantavam a mão como que pedindo autorização para intervir. Mas, aos poucos, a conversa começou a fluir com naturalidade e as falas se intercruzavam na dinâmica própria da conversa em uma "desordem" equilibrada.

Eram nove interlocutores e a pesquisadora, mas como a proposta é uma conversa, nos inserimos no contexto, não apenas para impulsionar o diálogo, mas para participar ativamente dele. Assim, ficamos em número de 10 "conversantes", e nossa conversa desenvolveu-se com tanta espontaneidade, que ao final, quando foi necessário encerrar a Roda, pelo avançado da hora, lamentamos muito e já combinamos com ansiedade a próxima conversa.

E a segunda roda de conversa aconteceu alguns meses depois, uma vez que era necessário que as entrevistas narrativas, com todos os sujeitos, ocorressem antes dela. A mesa foi posta e quando os professores começaram a chegar, o sorriso largo era retribuído com espontaneidade e, amenidades eram objeto da conversa, antes de começar o diálogo sobre a questão tema proposta. Os professores foram convidados a refletir sobre o inusitado em sala de aula, e sua atuação diante destas situações. Os relatos diante destas situações permearam a conversa, que foi recheada de risos e comentários dos pares. E novamente, quando chegou o momento da despedida o lamento foi geral.

A terceira e última roda de conversa aconteceu no mês seguinte à segunda, e a reflexão proposta girava em torno das influências que os docentes recebem no seu dia a dia profissional e acreditam ser importantes no seu fazer em sala de aula: seus alunos, a conversa com os pares na sala dos professores, a própria instituição de ensino. Os professores trouxeram vários casos já lembrados, em razão da provocação realizada anteriormente, mas muitos relatos memorialísticos surgiram no momento que algo era falado e a memória era ativada. O falar do outro trazia a tona lembranças que não surgiriam se não fosse a construção coletiva que a Roda de Conversa permite.

Como sinalizamos, foram três Rodas de Conversas, todas norteadas por um eixo próprio que tentavam conduzir o diálogo para as respostas às questões norteadoras da pesquisa.

Conversar é interagir, “[...] implica um número relativamente restrito de participantes, cujos papéis não são predeterminados, que gozam, em princípio, dos mesmos direitos e deveres [...] e não têm outro objetivo explícito que não seja o prazer de conversar.” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 13). Neste sentido é que percebemos que a pesquisa em desenvolvimento é uma construção coletiva, a partir do diálogo com os sujeitos, professores do ensino superior, que ao se disporem a participar da mesma já demonstravam interesse por conversar sobre sua docência e partilhar suas experiências.

ANÁLISE DAS RODAS DE CONVERSA

Ao final de cada Roda de Conversa, fizemos os registros das impressões. Transcrevemos tudo o que foi falado, um trabalho demorado, mas necessário, para a organização dos eixos de análise.

Neste sentido, para proceder à interpretação dos dados, primeiramente, estes passaram por várias sessões de leituras e releituras no sentido de melhor compreendê-los e, assim, seguir para a etapa de organização e categorização. Na sequência, como última etapa, empreendemos a análise interpretativa-crítica dos achados mais relevantes para a compreensão do objeto de estudo.

Tomando a alegoria de Jesus (2003) como suporte, buscamos garimpar entre cascalhos e resíduos, os metais e pedras preciosas. Peneirando as narrativas memorialísticas de nossos interlocutores “[...] algumas lembranças, cenas, fatos, vão cintilando, vão se destacando”. (JESUS, 2003, p. 24).

Buscamos, na Roda de Conversa, os dados advindos da memória coletiva, mas também as memórias individuais. Os sujeitos da nossa pesquisa pertenciam a áreas distintas do conhecimento, mas havia algo que os unia, todos eles eram professores bacharéis, docentes do ensino superior, então, podíamos perceber aquilo que era de pertença do grupo e aquilo que era próprio de cada sujeito.

Neste sentido, também, compreendemos que a “[...] a memória não se restringe apenas ao fato vivido, mas também àquilo que poderia ter acontecido, ou seja, pode ser tomada como uma forma de resistência a um passado que não se desenrolou tal como o desejado” (GUEDES-PINTO; SILVA; GOMES, 2008, p.18). As Rodas de Conversas caracterizavam-se como rememorações do vivido mas, para a realização da análise dos dados, precisamos compreender que a memória pode e deve ser apreendida como possibilidade, e não como algo pronto, estático, acabado.

FIM DE CONVERSA

Sentar ao redor da mesa, tomar uma xícara de café, e conversar... Simples assim. A compreensão de que a narrativa memorialística é rica de dados foi que nos levou a encontrar no diálogo e na conversa dos sujeitos da pesquisa um instrumento de coleta de dados rico e profícuo.

Conversar despertou a memória, conduziu a discussão, permitiu a reflexão. Lembranças boas e outras pouco prazerosas foram compartilhadas e discutidas. A partilha despertou interesse e fez nascer vínculos de confiança, levando à reflexão. A conversa fluiu.

A Roda de Conversa e sua idiossincrasia conduziram a pesquisa e tornaram possível a compreensão de dados que, talvez, não viessem à tona se não fossem despertados pelo interesse no diálogo e na partilha... Assim, a Roda de Conversa se firma como um instrumento de coleta de dados da pesquisa narrativa, em que é possível a ressonância coletiva à medida que se criam espaços de diálogo e reflexão.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria H. M. B. Construindo histórias de vida para compreender a educação e a profissão docente no Estado do Rio Grande do Sul. In: _____. (Org.). *História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense*. 2 ed. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004. p. 13-33

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1996.

CAMPOS, Gastão W. S. *Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda*. São Paulo, SP: HUCITEC, 2000.

COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. Lisboa: Caminho, 2009.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria A. S. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

GUEDES-PINTO, Ana L.; SILVA, Leila C. B. da; GOMES, Geisa G. *Memórias de leituras e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

JESUS, Regina F. Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje, sou professora. In: VASCONCELOS, Geni Amélia N. (Org.). *Como me fiz professora*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 21-42.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006.

MARTINS, Joel. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo, SP: Cortez, 1989. p. 47-58.

OLIVEIRA, Inês B.; GERALDI, João W. Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão. OLIVEIRA, Inês .B. (Org.) *Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão*. Petrópolis, RJ: DP, 2010.

SANTAMARINA, Cristina; MARINAS, José M. Historias de vida e historia oral. In: DELGADO, Juan M.; GUTIÉRREZ, Juan (Org.). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. Madri: Síntesis, 1995. p. 259-287.

WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2001.

_____. *A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2002.

_____. *Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação*. 2004. Disponível em:
<http://www.rodaeregistro.com.br/pdf/textos_publicados_3_rodas_e_narrativas_caminhos_para_a_autoria.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2014.